

# Percepção de professores sobre a violência no contexto escolar

## *Perception of teachers on violence in the school*

Daniela Castro dos Reis\*  
Selijane Lopes Silva\*\*  
Janine Soares Távora\*\*\*  
Josilene Ferreira Mendes\*\*\*\*

### Resumo

O presente trabalho é resultado de um estudo referente a violência no ambiente escolar, tema este que tem sido destaque em debates no mundo principalmente no meio educacional. Em busca de respostas, esta pesquisa teve como objetivo identificar os fatores que contribuem para a violência no ambiente escolar na percepção de professores. Utilizou-se o método de coleta misto que envolve dados qualitativos e quantitativos. Para a coleta de dados quantitativos foi utilizado o instrumento das características biosociodemográficas e para a coleta de dados qualitativos a entrevista com perguntas semiestruturadas. Os resultados identificaram como principais fatores os problemas relacionados com a violência na escola, omissão da família e o bullying. Percebeu-se nos relatos dos professores a angústia em conviver diariamente com a violência e a incapacidade e não se conseguir resolver satisfatoriamente estas situações.

**Palavras-chave:** Violência escolar. Práticas escolares. Professores.

### Abstract

The present work is the result of a study about violence in the school environment, a topic that has been highlighted in debates in the world mainly in the educational environment. In search of answers, this research aimed to identify the factors that contribute to violence in the school environment in the perception of teachers. The mixed collection method was used, involving qualitative and quantitative data. For the collection of quantitative data was used the instrument of the biosociodemographic characteristics and for the collection of qualitative data the interview with semistructured questions was applied. The findings identified problems related to school violence, family omission among others, and bullying cited as the biggest problem in school. Although teachers and students have adequate relations, they see the anguish of the teachers in daily living with violence and cannot solve this problem satisfactorily.

**Keywords:** School violence. School practices. Teachers.

---

\* Doutorado em Psicologia (Teoria e Pesquisa do Comportamento) pela Universidade Federal do Pará; Professora efetiva da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), Brasil; E-mail: danireispara@gmail.com

\*\* Universidade Federal Rural da Amazônia, Brasil; E-mail: selijane37@gmail.com

\*\*\* Universidade Federal Rural da Amazônia, Brasil; E-mail: tavorajanine@hotmail.com

\*\*\*\* Mestre em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável; Professor de Magistério Superior na Universidade Federal do Pará, Brasil; E-mail: josilenefmadv@gmail.com

A violência é um fenômeno polissêmico, controverso e multifatorial, perpetrada por indivíduos contra outros indivíduos, assumindo diferentes contornos em razão das relações pessoais, sociais, políticas ou culturais que a constituem (REIS, 2016). Isto quer dizer que, em qualquer sociedade, a violência é a manifestação de um comportamento agressivo, vivenciado e experienciado na sociedade moderna (SILVA; SILVA; PASSOS; SOARES; VALENÇA; MENEZES; COLARES E SANTOS, 2018).

Entre outros aspectos relacionados ao fenômeno, a violência tem ensejado a realização de estudos em diversos contextos, como: violência doméstica, violência institucional, violência intra e extrafamiliar e violência escolar, foco desta pesquisa. Para Perissé (2010), o conceito de violência faz um paralelo entre esse fenômeno e o conflito, retratando que a violência tem ligações perigosas com a palavra latina *virtus* que significa força. A palavra *virtute* também está ligada à força. Entre os homens, a violência parece ser o caminho para resolver os conflitos ou situações. A palavra remete a um choque entre dois corpos, duas opiniões, duas forças (PERISSÉ, 2010).

A etimologia da palavra violência mostra com evidência que há a presença de um limite que vai caracterizar um ato como violento de acordo com as concepções históricas ou culturais, caracterizando assim a palavra violência sem definição fixa, com apresentação de diferentes significados, em diversas situações (MICHAUD, 1989; SANTOS, MEDINA, 2018).

Na acepção mais comum e geral do termo, o conceito de violência está associado à expressão concreta dos diferentes métodos de coerção e dominação utilizados com a finalidade de conquistar, reter poder ou obter privilégios (RIBEIRO; FERRIANI; REIS, 2004). No que diz respeito a etimologia da palavra, violência vem do latim *violentia*, que remete ao abuso da força que desrespeita as medidas sociais e são culturalmente estabelecidas (MULLER, 2006). Essas medidas podem ser dadas pelo outro e sua constituição psicológica, definição do que a sociedade define como justo e adequado em suas leis, regras sociais, costumes e crenças por ela instituídos.

Nos estudos de diversos autores como Abramovay e Rua, (2002) e Derbabieux, (2002), não há uma definição exata para o termo violência, ocorrendo somente uma interpretação como uma multiplicidade de atos violentos de acordo com o contexto e o momento histórico pois:

A noção de violência é, por princípio, ambígua. Não existe uma única percepção do que seja violência, mas multiplicidade de atos violentos, cujas significações devem ser analisadas a partir das normas, das condições e dos contextos sociais, variando de um período histórico a outro. (ABRAMOVAY; RUA, 2002, p. 17)

Para Sawaia (2001), a violência não se refere somente aos atos violentos, mas também às questões de exclusão, à humilhação, à opressão, à omissão, ou seja, o agressor tenta deixar o outro à margem da sociedade, observando que: “a dialética inclusão/exclusão gesta subjetividades específicas que vão desde o sentir-se discriminado ou revoltado”. Ou seja, a violência não é apenas o ato de agressão física, mas também a agressão psicológica que desestabiliza e fere o emocional. (SILVA; SILVA; PASSOS; SOARES; VALENÇA; MENEZES; COLARES; SANTOS, 2018)

Além deste conceito a Organização Mundial da Saúde - OMS (2002) expõe um dos conceitos mais amplos que a literatura possa demonstrar, conceitua violência como sendo o uso intencional da força física ou assimetria real ou em ameaça contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade que se resulta em lesão, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação.

Segundo Fernandes (2006), a violência está presente no mundo contemporâneo, manifestando-se de diversas formas, estando em toda sociedade e não se limitando a determinados espaços, classes sociais, faixas etárias ou até mesmo épocas. É um equívoco pensar que está diretamente ligado à pobreza, aos grandes centros urbanos, aos adultos e aos dias de hoje. O problema da violência é um fenômeno de saúde pública e requer intervenções e mais investimentos na área da educação e social e menos punição.

De maneira geral, pode-se dizer que a violência reflete a manifestação de uma sociedade, e que, na atualidade, tem se apresentado como um fenômeno que vem assolando diversos contextos. Entre esses, se encontram o contexto escolar, espaço que deveria ser um ambiente acolhedor e reformulador (IJIMA; SCHROEDER, 2012). No entanto, tem sido palco de inúmeros atos de violência envolvendo uma diversidade de atores, os alunos, os professores e os demais servidores da escola (SANTOS; MEDINA, 2018). Sendo assim, é mais que necessário que estudos como este possam não só refletir números, mas sinalizar medidas ou práticas positivas para a minimização da violência no contexto escolar.

A violência escolar é um tema que está cada dia mais presente no cotidiano das instituições de ensino, independente das condições socioeconômicas do aluno. A violência pode proporcionar um desequilíbrio no desenvolvimento do aluno, no processo pedagógico e no declínio do processo de ensino aprendizagem (ABRAMOVAY; RUA, 2002). Assim, a violência escolar desponta como um fenômeno que necessita ser entendido e estudado.

Dados identificados no Estudo da Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação apontam que os impactos da violência na educação são decorrentes de fatores já conhecidos: como a má formação dos profissionais da educação, a ausência de infraestrutura, o baixo nível de escolaridade dos pais e a ausência de material para leitura na casa dos alunos (CODÓ; VASQUES MENEZES, 2001).

Para a inserção da discussão sobre o tema violência escolar é necessário debater três conceitos que a literatura da área trás: violência na escola (CHARLOT, 2002), violência à escola (PRIOTTO, 2008), e violência da escola (PRIOTTO, 2008). Entende-se, neste estudo, esses conceitos são essenciais para se entender o processo de violência no contexto escolar e corroborar a análise deste fenômeno.

Segundo Charlot (2002), a violência na escola é aquela que se produz e/ou reproduz dentro do espaço escolar, no entanto sem ligação direta com as atividades escolares. Ressalta-se aqui que a escola é apenas o local de uma violência que pode acontecer em quaisquer outros *locus*. Geralmente esse é o local onde encontram-se grupos rivais que vivem na mesma comunidade em que a escola faz parte.

Há também a violência à escola, onde a agressão está associada às atividades na instituição, quando alunos provocam incêndios, batem nos professores ou insultam provocando danos contra a instituição e aqueles que a representam (PRIOTTO, 2008). Pode-se citar vários atos de violência física e psicológica contra professores e o bullying, provados pelos alunos.

Ainda há a violência provocada pela escola que é definida como violência institucional simbólica, aquela em que a escola é autora da ação e seus alunos vítimas (PRIOTTO, 2008). Entre os atos praticados pela instituição, há os direitos violados como ausência de merenda escolar, transporte, estrutura física adequada, entre outros.

Desta forma, a violência referida nesta pesquisa diz respeito à violência na escola e deve ser estudada e analisada dentro da atualidade e da realidade dos atores sociais envolvidos. Este trabalho irá tratar da violência na escola conforme o pensamento de Charlot (2002), em que afirma que há uma relação intrínseca com a violência na escola na qual os atos violentos praticados pelos alunos se caracterizam por diversas manifestações que ocorrem no cotidiano da escola perpetradas por e entre toda a comunidade escolar, professores, alunos, pais, funcionários e diretores.

Ao estudar a violência na escola, é importante entender que esse fenômeno envolve uma série de consequências que podem ser mapeadas e identificadas para que a própria instituição escolar possa trabalhar e minimizar os atos de violência. A literatura sinaliza alguns dos principais fatores e suas consequências (ABRAMOVAY; RUA, 2002) que podem estar a atuar direta e indiretamente na maximização da violência.

De maneira geral, pode-se dizer que os possíveis fatores influenciadores para a perpetração da violência praticada por alunos na escola são: aspectos intrínsecos relacionados aos interesses do aluno (interesse em participar das atividades escolares, comportamentos inadequados, além do não cumprimento de regras e normas da escola) (PRIOTTO, 2008) e os extrínsecos como estrutura da escola e a relação com a família.

Quanto aos fatores intrínsecos relacionados aos alunos, pode-se sinalizar: a falta de perspectivas, descrença nas instituições, desinteresse pela escola, a ausência de identificação com os professores e com a escola, dificuldade de aprendizagem, fracasso escolar, a influência negativa da mídia, como a banalização da violência e como o consumo de drogas (ARAÚJO, 2002).

Quanto aos fatores extrínsecos, sinaliza-se: relação familiar, relação professor e aluno, relação funcionários e escola, relação ao sistema (ABRAMOVAY; RUA, 2002). O estudo sinaliza que tais fatores estão relacionados, a desagregação familiar, separações, mortes, consumo de drogas, falta ou inversão de valores morais e éticos, desprestígio, carência afetiva dos filhos, ausência de incentivos dos pais aos estudos dos filhos, a não imposição de limites, jogando para a escola essa responsabilidade, desemprego, miséria, exclusão social e deficiência de tempo dos pais para com os filhos (MINAYO, 2009).

Em relação aos professores e a escola, há o desestímulo, descompromisso, baixo salário, jornada de trabalho, formação deficiente, falta de habilitação, metodologia inadequada, rotatividade excessiva, falta de treinamento e de capacitação, falta de espaços físicos adequados para atividades cotidianas (ROUTTI, 2010).

Os que se referem ao sistema escolar, os fatores são as mudanças bruscas sem prévio preparo, currículo defasado, inadequado e restrito, descaracterização da progressão continuada em promoção automática, centralização das decisões nos órgãos superiores, conselho pouco atuante ou agindo contra os interesses da escola (DERBABIEUX 2002).

Segundo Derbabieux (2002), as causas da violência escolar estão mais relacionadas a fatores externos, como desemprego e a precariedade da vida das famílias nos bairros, ele menciona ainda o impacto da massificação do acesso à escola que passa a receber jovens que

vivenciam experiências de exclusão e de participação em gangues. Esses fatores se somam as condutas inadequadas ou não usuais na escola o que contribuem assim para a violência.

Tais fatores foram o ponto de partida para uma investigação mais complexa, levando em conta algumas premissas que podem contribuir para a problemática na escola. Assim esta pesquisa teve, como objetivo, identificar os fatores que contribuem para a violência praticada a partir da percepção dos professores.

## **Método**

### **Contexto da pesquisa**

A pesquisa foi realizada em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental L. M. A., situada na zona urbana do município de Parauapebas, no Estado do Pará. A escola possui uma estrutura moderna com acessibilidade para pessoas com deficiência física, composta de 14 salas de aulas climatizadas, salas de apoio, laboratório de informática, biblioteca, sala de recursos multifuncional, bloco administrativo, quadra coberta, almoxarifado, estacionamento próprio, entre outros aparatos tecnológicos. A instituição atende 835 alunos de 1º ao 9º ano do ensino fundamental. Sua área de abrangência envolve alunos da própria comunidade, mas também de outros bairros ao entorno. O total de alunos é dividido em dois turnos, manhã e intermediário.

### **Participantes**

Os participantes desta pesquisa foram oito professores que lecionavam em turmas do 6º ao 9º ano. Na análise dos aspectos sociodemográficos dos professores quatro eram do sexo feminino e quatro do sexo masculino, com idade mínima entre 30 anos e máxima de 50 anos. Todos os professores possuíam formação específica na área que ministravam aula, com tempo de atuação na educação de cinco a 20 anos de experiência (Tabela 1).

Tabela 1 – Características sociodemográficas dos docentes

Categorias	f	%
Sexo		
Masculino	4	50
Feminino	4	50
Idade		
De 30 a 40 anos	3	37,5
De 40 a 50 anos	5	62,5
Formação		
Matemática	2	25
Geografia	1	12,5
Letras	2	25
Educação física	1	12,5
História	2	25
Tempo de atuação na educação		
Até 5 anos	1	12,5
Até 10 anos	5	62,5
Até 20 anos	2	25

Fonte: Trabalho de campo-Alaboração dos autores 2017

## Delineamento da pesquisa

Esta pesquisa utilizou o método de coleta misto que envolveu dados qualitativos e quantitativos. Para a coleta de dados quantitativos foi utilizado o instrumento das características biosociodemográficas e para a coleta de dados qualitativos (MINAYO, 2009) a entrevista com perguntas semiestruturadas foi aplicada. Com o propósito de se compreender o fenômeno da violência no ambiente escolar, a orientação metodológica adotada, permitiu a combinação de abordagens quantitativa e qualitativa (RICHARDISON, 2009) as quais possibilitaram o direcionamento desta pesquisa, buscando mensurar os fatores que contribuem para a violência escolar, apresentando os resultados por meio de análise descritiva e o registro das falas dos professores.

## **Instrumentos das características biosociodemográficas**

Para a coleta de dados quantitativos e qualitativos, foi utilizado, como base, o questionário elaborado a partir da pesquisa nacional juventude brasileira (DELL'AGLIO; KOLLER; CERQUEIRA-SANTOS; COLAÇO, 2011). O questionário para esta pesquisa continha 36 questões que investigaram aspectos referentes às características biosociodemográficas dos participantes. Seu preenchimento permitiu reunir informações, tornando possível confrontar dados e analisar inconsistências encontradas. O questionário é composto por cinco eixos distribuídos da seguinte forma: identificação (04 itens); caracterização sócio familiar (07 itens); aspectos da saúde (07 itens); educação (06 itens) e violência (07 itens).

Para Gressler (1983), os instrumentos de pesquisas principais são os questionários, as entrevistas, os formulários, as observações e os testes. Yin (2010) sinaliza que os instrumentos de pesquisa são intitulados de evidências e podem vir de seis fontes documentais, como registros em arquivos, as entrevistas, a observação direta e a observação de artefatos físicos.

## **Entrevista**

Para a coleta de dados qualitativos, esse estudo utilizou um roteiro de perguntas semiestruturadas com base no questionário elaborado a partir da pesquisa nacional juventude brasileira (DELL'AGLIO; KOLLER; CERQUEIRA-SANTOS; COLAÇO, 2011). Com a entrevista, almejou-se identificar o perfil dos professores, seus conhecimentos, a respeito da violência, o relacionamento que mantem com seus alunos, os problemas percebidos em decorrência da violência no cotidiano escolar e as práticas que visam o enfrentamento à violência dentro da escola, visando assim à identificação dos fatores contribuintes da violência no ambiente escolar.

## **Procedimentos de coleta**

No primeiro momento, solicitou-se autorização da Secretaria Municipal para a realização da pesquisa e, em seguida, a autorização da direção da escola. Como procedimento de coleta, foram realizadas primeiramente aplicação do questionário biosociodemográfico e a posteriori as entrevistas semiestruturadas com o corpo docente. Para responder à pesquisa, cada participante recebeu uma cópia com as questões a serem respondidas. Anterior a aplicação do questionário e a realização das entrevistas, foi aplicado o TCLE (Termo de consentimento Livre e Esclarecido).

## **Procedimentos de análise**

Os dados do questionário foram mensurados por meio de estatística descrita e exploratória em dados absolutos e relativos representados na tabela 1. Os dados da entrevista foram analisados segundo análise de conteúdo da Bardin (1977). Desta forma, os resultados da pesquisa realizada serão apresentados de maneira que ajudem a entender quais fatores que podem estar contribuindo para a violência escolar considerando tanto os dados qualitativos quanto os dados quantitativos.

## **Resultados e discussão**

### **Percepção dos professores sobre a violência no contexto escolar**

Os dados sobre a percepção dos professores a respeito da violência no contexto escolar serão apresentados considerando quatro categorias gerais: violência escola-professores, violência escola-alunos, violência escola-família e violência escola-escola.

#### **Violência escola-professores**

Com base no conteúdo das entrevistas relatado pelos professores sobre o que é violência, as informações foram unânimes ao descrever a violência como atos que retratam a agressão, seja ela física, verbal ou psicológica, além de falta de respeito para com outra pessoa. Os trechos demonstram sobre o conceito de violência.

Violência é agredir fisicamente, verbalmente e psicologicamente, desrespeitar os outros e não cumprir regras para conviver bem com os outros. (Professor 1)

Violência é agredir com palavras, ações, que podem ser verbais, físicas e psicológicas. (Professor 1)

Para Gomes e Martins (2014), a questão da violência também está presente cada vez mais na literatura e nos meios de comunicação que apontam, via de regra, a indignação dos envolvidos e/ou a denúncia de vitimizados, bem como assinalam a omissão das denúncias, muitas vezes por medo. Assim, a sociedade torna-se cada vez mais vulnerável às diversas mudanças sociais que em uma velocidade vertiginosa, acabam influenciando e impactando os comportamentos dos diversos sujeitos sociais (GIORDANI; SEFFNER; DELL'AGLIO, 2017). Comportamentos como a violência que pode ser entendida como uma das formas de relação humana.

Outra análise diz respeito às formas de manifestação da violência apresentada pelos professores relacionada à violência na escola (GOMES; MARTINS, 2014). Essa se manifesta de várias formas que vai, desde a mais simples, como xingamentos, ameaças, brigas, apelidos,



e agressões físicas, à falta de respeito para com outros professores e que se reproduz na escola não somente pelos alunos, mas, também pelo próprio corpo docente e demais envolvidos na educação.

A violência se manifesta através de fofocas, agressões físicas, apelidos, xingamentos, falta de respeito para com os educadores, e os colegas de turma. (Professor 2)

A violência é reproduzida por todos da escola não só pelos alunos, pois muitas vezes a gente nós professores também cometemos, sem perceber. (Professor 2)

Nesses relatos, percebe-se a manifestação da violência na sua forma mais explícita, percebida por todos os envolvidos. No entanto, ela também se apresenta na forma mais sutil e de difícil percepção. Assim os atos violentos são percebidos como atos naturais em que o verdadeiro sentido passa despercebido, sendo necessário um olhar mais atento para superar esse aparentemente estado de atos violentos que assumem uma forma que naturaliza os atos como parte do dia a dia. (ODÁLIA, 2004)

Para os professores, a violência afeta a autoestima do profissional, o que acarreta sérios problemas no desenvolvimento do seu trabalho e consequentemente na aprendizagem dos alunos. A desvalorização, a falta de estímulo, a sobrecarga de responsabilidades, a angústia do trabalho repetitivo, tudo isso atrelado aos sentimentos negativos que produzem, geram o que pode ser chamado de mal-estar docente (ZUIN, 2008). Situação sinalizada no trecho abaixo.

A violência no ambiente escolar afeta a autoestima do profissional da educação o que acarreta sérios problemas no desenvolvimento do seu trabalho e consequentemente no processo ensino aprendizagem. (Professor 3)

Baixa autoestima da eventual vítima, tempo dispensado na resolução do problema, o qual poderia ser focado no processo ensino aprendizagem. (Professor 3)

Oliveira (2003) compara o mal-estar docente à síndrome do SISIFO, da mitologia grega, o qual foi condenado por Zeus, para empurrar diariamente uma pedra ao cume de uma montanha e ele nunca conseguia, pois a pedra descia e novamente repetia essa tarefa todos os dias, como os professores. Ainda no pensamento da autora assim:

É esse herói com o qual o professor, inconscientemente, se identifica. Embora dona do saber da argúcia, da inteligência, tem um duplo perverso que o arrasta para o erro. Em função disso, cai nas garras da “maioria” (o destino cego), sendo punido pelos deuses com um castigo terrível, o trabalho de sísifo. (OLIVEIRA, 2003, p. 213)

## Violência escola-alunos

No que se refere sobre qual o principal problema relacionado à violência na escola, bem como ao tipo de violência mais percebido no cotidiano escolar, os dados das respostas apontaram o bullying, seguido da ausência de segurança pública no entorno da escola. Para os professores, esses atos violentos são o reflexo de uma educação familiar em que os limites e o respeito mútuo são inexistentes entre seus membros (CROSS; RUNIONS; SHAW; WONG; CAMPBELL; PEARCE; BURNS; LESTER; BARNES; RESNICOW, 2019). Porém, dessas categorias, o bullying é o problema mais relevante, pois está atrelado à agressão verbal, que, por sua vez, gera agressão psicológica.

É falta de segurança pública, a falta de parceria com a família ou condições de trabalho de muitos profissionais e a falta de valorização e etc. (Professor 4)

O bullying é muito frequente na escola de todas as formas. (Professor 4)

Para Fante e Pedra (2008), o fenômeno bullying é contemplado por diversas ações entre agressor e vítima, como apelidar, ofender, zoar, sacanear, humilhar, intimidar, encarnar, constranger, discriminar, aterrorizar, amedrontar, tiranizar, excluir, isolar, ignorar, perseguir, chantagear, assediar, ameaçar, difamar, insinuar, agredir, bater, chutar, empurrar, derrubar, ferir, esconder, quebrar, furtar e roubar pertences.

Calhau (2011) enfatiza que o bullying é uma das formas de violência que tem se destacado por ser uma modalidade de violência caracterizada por agressões físicas e psicológicas que tem ocasionado atos criminosos, suicídios e homicídios com consequências negativas à sociedade principalmente à juventude.

Quanto aos dados sobre qual espaço físico é percebido como o que apresenta maior concentração de violência, vários espaços foram citados como, a sala de aula, corredores, entorno da escola e o pátio, lugar de maior ocorrência de violência, principalmente na hora do recreio momento em que os alunos, estão livres. Para Certeau (2009), o espaço é um lugar praticado, ou seja, o que é produzido no mesmo local e reproduzido com frequência torna-se hábito. Como sinalizam, os professores nos seus relatos abaixo.

No pátio, momento em que os alunos ficam livres. (Professor 5)

Nos corredores e no pátio da escola, sendo com maior frequência no momento do recreio. (Professor 5)

As relações entre os professores e os alunos são tidas como saudáveis, mesmo ambos, convivendo com a presença da violência. Benavente (1994) e Pedrosa, Gontijo, Souza, Silva e Medeiros (2016) mencionam que é preciso que o docente construa um elo entre ele e os alunos para que haja interação comunicação, e consequentemente um aprendizado eficaz, pois a ausência de relações estreitas afeta a qualidade do ensino visto que os ensinamentos passam pelo convívio e interação entre as pessoas. Tais resposta estão nos trechos a seguir.

Tento construir uma relação de respeito e amizade. (Professor 6)

Boa há respeito com casos pontuais de indisciplina, mas com respeito a autoridade do professor. (Professor 7)

A pedagogia do oprimido de Freire (1987) enfatiza que ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si mediatizados pelo mundo. O conflito vivenciado nas relações é algo necessário que leva à construção dos sujeitos participantes. Nesse processo, o professor é mediador e deve compreender que os conflitos vividos por seus alunos não lhes pertencem, e que não cabe a ele resolvê-lo. (CARINA, 2009)

## **Violência escola – família**

Outro dado analisado refere-se à interferência familiar na violência escolar. Os relatos mencionam fatores relacionados à convivência familiar, em que o comportamento inadequado apresentado pelos alunos é fruto da convivência familiar. Além disso, segundo o relato dos professores, a maioria das famílias dos alunos é omissa e não acompanham a vida escolar dos filhos, o que leva à ausência de limites em termos de regras sociais, gerando assim um descontrole. Tais situações podem ser comprovadas nos trechos dos relatos dos professores.

A família interfere diretamente na violência escolar, pois o que acontece na escola é reflexo do que ocorre na família. (Professor 7)

A maior parte das famílias são omissas e a violência acontece por fatores externos como a família. (Professor 7)

O relatório para UNESCO (2002) da comissão internacional sobre educação para o século XXI reforça que, segundo Abramovay e Rua (2002, p. 51), “a família é a primeira instituição de toda e qualquer educação e deve assegurar a ligação entre o afetivo e o cognitivo, assim como a transmissão dos valores e normas”. Assim, nesse sentido, “a exposição a cenas de atos de violência no âmbito doméstico destruiria a autoestima dos jovens, que ficariam inseguros, sem referências, já que os pais seriam os agressores, seus algozes.

Vale ressaltar que a família embora tenha importância na educação dos jovens é sabido que os jovens de hoje adquirem a sua identidade também fora do seio familiar que pode ocorrer na escola, como no seu entorno da própria comunidade onde convivem ou onde a escola e a família estão inseridas. Assim a família.

Não é uma instituição estática, move-se tanto nos espaços das construções ideológicas, quanto no papel que exerce na organização da vida social na sociedade atual, apresenta-se como lugar de troca, de construção de personalidade e, ao mesmo tempo, lugar de conflitos e tensões. (ABRAMOVAY; RUA, 2002, p. 70)

## Violência escola-escola

Em relação aos projetos e/ou às ações que são desenvolvidos na escola que visem ao enfrentamento à violência, os discursos da maioria dos professores afirmam a inexistência de algum projeto que envolva toda a comunidade escolar. Voltado para esse tema, essa afirmação se confirma com o discurso docente. Conforme os trechos seguintes:

Acredito que as ações são individuais, como os combinados que cada professor faz com seus alunos, não temos uma ação projeto em conjunto. (Professor 8)

A realização de combinados em sala juntamente com o professor, conversas direcionadas sobre o assunto. (Professor 8)

Um dos aspectos fundamentais mencionados como possíveis soluções para o enfrentamento à violência é a parceria entre família, escola e poder público, cada ente desempenhando o seu papel e função social.

Além dos projetos e ações foram citadas outras sugestões que caracterizam a ausência da escola como: projetos pedagógicos integrados, alterações no currículo, mais autonomia para o professor, avaliações dos alunos sobre suas condutas e, projetos de incentivos aos alunos que apresentam desempenho satisfatório nas questões que envolvem a violência escolar. Como se comprova com os trechos seguintes.

Parceria entre família, escola e poder público, cada um desempenhando seu papel e função social. (Professor 8)

Trabalhar em parceria, gestão, professores, alunos, todos cuidarem um do outro. Fazer palestras, conversas semanais. Talvez um projeto de incentivo, passeio para a turma que tiver melhora nas questões que podem causar violência. A violência na escola precisa ser responsabilidade de todos. (Professor 8)

Silva (2004), em se tratando da parceria entre escola e comunidade contra a violência escolar, ressalta que as ações da comunidade devem ser atreladas em parceria com os órgãos governamentais. Essas parcerias podem buscar um trabalho de conscientização preventiva contra a violência e, por meio desta dinâmica, pode reunir toda a comunidade, estabelecer um pacto entre os diversos atores no estabelecimento de normas que visem ao bem comum.

Considerando as discussões apresentadas percebe-se que, na escola, são identificados vários tipos de violência e que um dos principais fatores desse problema é a falta de parceria entre escola e comunidade bem como de todos os seus agentes constitutivos (MELANDA; SANTOS; SALVAGIONI; MESAS; GONZÁLEZ; ANDRADE, 2018).

Essas observações revelam a necessidade de a escola repensar um projeto político pedagógico que contemple essa necessidade que vise à participação de toda a comunidade escolar, família, que não fique só no individualismo e, com isso, unir esforços com outras instituições para tratar da prevenção da violência na escola.

Percebe-se, na discussão, que a mediação por si só entre professor e aluno parece ser ineficaz para se resolver os conflitos vivenciados na escola. Apesar da relação entre eles professores e alunos ser percebida como harmoniosa, embora convivendo com a presença da violência, é preocupante quando diverge em relação ao processo ensino aprendizagem, pois, em alguns discursos, a violência interfere diretamente tanto para o professor que não consegue ensinar, quanto para o aluno que não consegue aprender.

## **Conclusão**

A violência escolar é um tema que está atualmente no cotidiano da sociedade e apresenta resultados significativos mesmo diante da criação e desenvolvimento de políticas públicas, debates e lutas que foram conquistadas ao longo do tempo para tentar minimizar a situação. A violência escolar ainda cresce anualmente de forma acelerada. Com isto, este trabalho objetivou identificar os fatores que contribuem para o crescimento da violência escolar, na escola municipal L. M. A. no município de Parauapebas.

Os resultados identificaram fatores que estão relacionados com a violência escolar e também fatores relacionados diretamente com a família. Ao mencionarmos a violência escolar, percebem-se práticas pedagógicas com ações isoladas e pouco efetivas para minimização do crescimento do índice de violência. O pátio local de recreação e a sala de aula, local reservado para troca de conhecimentos e aprendizagem, foram identificados como locais de maior ocorrência de violência sendo praticadas por alunos da mesma turma.

A partir dos relatos dos docentes, foi possível perceber a dificuldade que a escola ainda enfrenta em conseguir aplicar regras e punições com o objetivo de reduzir, o índice de violência na escola, que são muitas vezes fragilizadas pela falta de interesse e despreparo de uma parte dos professores que não consegue sair da sua zona de conforto.

Com relação à família, os resultados são ainda mais alarmantes, pois esses adolescentes estão passando muito tempo na internet e na frente da televisão, e tendo também experiência inicial com o uso de drogas licitas especificamente a bebida alcoólica precocemente.

Com base na análise do projeto político pedagógico da escola, esse estudo apontou ainda a necessidade de a escola viabilizar a reestruturação de seu projeto político pedagógico pautado nos trâmites democráticos, estabelecendo ações que visem ao enfrentamento à violência no ambiente escolar, já que, em seu texto, a escola não apresenta ações concretas voltadas para essa problemática.

## **Contribuições para a pedagogia**

A realização deste estudo teve uma contribuição para o desenvolvimento de informações sobre a violência escolar a partir de resultados que poderá auxiliar na construção e no monitoramento de práticas pedagógicas com a finalidade de controlar ou até mesmo erradicar a violência escolar e também o de resgatar a participação da família e da comunidade na escola, assim também como a capacitação dos docentes para o enfrentamento desta problemática no ambiente escolar.

A escola, enquanto instituição composta de profissionais em que nela atuam, deve se questionar até que ponto pratica a violência e quais os tipos de violência que se relacionam às ações da escola.

## Recomendações futuras

Esta pesquisa foi limitada aos docentes do ensino fundamental II no período vespertino, por meio de entrevista, e para os discentes de 6ª ao 9ª ano com aplicação de um questionário que envolveu um total de oito participantes. Diante disso, vê-se necessário ampliar essa pesquisa, estendendo a todos os setores da escola.

Com isso, esta pesquisa tem a necessidade de continuidade, pois os resultados obtidos foram muito singulares com a inclusão de discussões e reflexões da violência escolar como um estudo com comunidade de colaboradores da escola e a direção para ter uma visão mais ampla e específica do estudo, pois só assim a escola conseguirá cumprir o seu verdadeiro papel.

## Referências

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001257/125791porb.pdf>

\_\_\_\_\_. **Escola e violência**, UNESCO, UCB, Brasília, 2002.

ARAÚJO, Carla. **A violência desce para a escola: suas manifestações no ambiente escolar e a construção da identidade dos jovens**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Persona, 1977.

BENAVENTE, A. **Renunciar à escola: O abandono escolar no ensino básico**. São Paulo: Fim de século editora, 1994.

CALHAU, Lélío Braga. **Bullying: o que você precisa saber**. 2 ed. Rio de Janeiro: Impetus, 2011.

CARINA, S. C. **O Processo de Resolução de Conflitos**. 2009. 247 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, 2009.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: Artes de Fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CROSS, D.; RUNIONS, K. C.; SHAW, T.; WONG, J. W. Y.; CAMPBELL, M.; PEARCE, N.; BURNS, S.; LESTER, L.; BARNES, A.; RESNICOW, K. **Friendly schools universal**

Daniela Castro dos Reis Castro Reis; Selijane Lopes Silva;  
Janine Soares Távora; Josilene Ferreira Mendes.

bullying prevention intervention: effectiveness with secondary school students. **International Journal of Bullying Prevention**, Suíça, v. 1, n. 1, p. 45-57, jan. 2019. doi: <https://doi.org/10.1007/s42380-018-0004-z>

CODO, Wanderley; MENEZES-VASQUES, Ione. **As relações entre a escola, a vida e a qualidade de ensino**. Brasília: Mimeo, CNTE, 2001.

CHARLOT, B. **A violência na escola**: como os sociólogos franceses abordam essa questão. Sociologias, 2002.

DELL'AGLIO, D. D.; KOLLER, S. H.; CERQUEIRA-SANTOS, E.; COLAÇO, V. F. R. Revisando o Questionário da Juventude Brasileira: uma nova proposta. In: Dell'Aglío, D. D.; Koller, S. H. (Orgs.), **Adolescência e Juventude**: vulnerabilidade e contextos de proteção. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011, p. 259-270.

DERBABIEUX, E.; BLAYA, C. **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.

FANTE, C.; PEDRA, J. A. **Bullying Escolar**: Perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FERNANDES, K. T. **O conceito da violência escolar na perspectiva dos discentes**. Brasília. Dissertação (Mestrado em educação) – Universidade Católica de Brasília, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIORDANI, J. P.; SEFFNER, F.; DELL'AGLIO, D. D. Violência escolar: percepções de alunos e professores de uma escola pública. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 103-111, jan/abril, 2017.

GRESSLE, A. L. **Pesquisa educacional**: Importância, modelos, validade, variáveis, hipóteses, amostragem e instrumentos. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1983.

IJIMA, D. W.; SCHROEDER, T. M. R. Pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Revista Travesia**, Rio de Janeiro, v. 6. n. 2, p. 1-17, 2012.

MELANDA, Francine Nesello; SANTOS, Hellen Geremias; SALVAGIONI, Denise Albieri Jodas; MESAS, Arthur Eumann; GONZÁLEZ, Alberto Durán; ANDRADE, Maffei, Selma. Violência física contra professores no espaço escolar: análise por modelos de equações estruturais. **Caderno de Saúde Pública**, v. 34. n. 5, p. 1-11, 2018.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social**: Teoria, Métodos e criatividade. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MICHAUD, Y. **A violência**. Tradução L. Garcia, São Paulo: Editora Ática, 1989.

Daniela Castro dos Reis Castro Reis; Selijane Lopes Silva;  
Janine Soares Távora; Josilene Ferreira Mendes.

MULLER, J. M. **Não violência na educação**. São Paulo: Pala Athena, 2006.

ODÁLIA, Nilo. **O que é violência**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

OLIVEIRA, E.S.G. **Trabalho do professor** – trabalho de sísifo. A heróica dimensão imaginária da docência. Chapecó: Argos, 2003.

PERISSÉ, Gabriel. **Palavras e origens**. 2 edição. Saraiva, 2010.

PRIOTTO, Elis Palma. **Violência esolar**: Polítias públicas e práticas educativas. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2008.

Organização Mundial de Saúde. Relatório mundial sobre violência e saúde. Genebra, 2002.

PEDROSA, S. M.; GONTIJO, D. T.; SOUZA, M. M.; SILVA, M. A. I.; MEDEIROS, M. Violência no contexto escolar: significados para professores do ensino público. **Ciência e Cuidado de Saúde**, Paraná, v. 15, n. 3, p. 397-404, 2016.

REIS, Daniela Castro. **Autores de agressão sexual de crianças e adolescentes**: Características biopsicossociais e trajetória de vida. 2016. 352 f. Tese (Doutorado em Teoria e pesquisa do comportamento) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

RIBEIRO, M. A.; FERRIANI, M. G. C.; REIS, J. N. Violência sexual contra crianças e adolescentes: características relativas à vitimização nas relações familiares. **Caderno de Saúde Pública**, v. 20, n. 2, p. 456-464, 2004. doi: org/10.1590/S0102-311X2004000200013.

RICHARDISON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

ROUTTI, Caren. Violência em meio escolar: fatos e representações na produção da realidade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 339-335, jan./abr., 2010.

SANTOS, S. W.; MEDINA, P. Violência na escola básica: um estudo de caso envolvendo redes pública e privada em Palmas-Tocantins. **Revista Observatório. Palmas**, v. 4. n. 6, p. 794-825, out./dez. 2018.

SAWAIA, Bader. (Org). **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes, 2001.

SILVA, Bruno Rafael Vieira Souza; SILVA; Alison Oliveira; PASSOS, Muana Hiandra Pereira; SOARES, Fernanda Cunha; VALENÇA, Paula Andréa de Melo; MENEZES, Valdenice Aparecida; COLARES, Viviane; SANTOS, Carolina, Franca Bandeira Ferreira. Autopercepção negativa de saúde associada à violência escolar em adolescentes. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 9, p. 2909-2916, set. 2018.



Daniela Castro dos Reis Castro Reis; Selijane Lopes Silva;  
Janine Soares Távora; Josilene Ferreira Mendes.

SILVA, M. N. **Escola e comunidade juntas contra a violência escolar**: diagnóstico e esboço de plano de intervenção. 2004. 182 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2004.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman Zakireh, 2010.

ZUIN, Antônio. A educação de Sísifo: sobre ressentimento, vingança e amok entre professores e alunos. **CEDES. Educação & Sociedade**; Dossiê: 'experiências educacionais e construção de fronteiras sociais, fasc. 103, v. 29, Campinas, 2008.